ONB 2.1.6.38-1

SANTOS NOUTROS TEMPOS

A Capela de Santa Catarina e a casa do trem

COSTA E SILVA SOBRINHO

O VELHO Portugal, o Portugal amoroso e guerreiro dos nossos maiores, viu-se compelido após 1580, por força de sua desastrosa anexação à corôa de Espanha, a tornar-se inimigo da altaneira Albion.

E por isso, os implacaveis adversarios da casa de Austria, começaram dai em diante não só a apresar os alterosos galeões e as ronceiras naus de Portugal, como tambem a saquear-lhe os dominios ultramarinos.

Infestaram as dilatadas costas do Brasil os mais audazes piratas ingleses. Primeiro tivemos Eduardo Fenton, em 1582; depois Roberto Withrington, em 1587; em seguida Tomaz Cavendish, em 1591; e por fim James Lancaster associado a John Wenner, em 1595.

Dois deles aportaram a Santos. Foram Eduardo Fenton e Tomaz Cavendish.

Fenton, manifestando intenções pacificas, procurou avistar-se com o seu compatricio John Whital, habil ferreiro, genro de José Adorno, que ali vivia com o nome de João Leitão.

A respeito deste nome, esclareceu-nos cabalmente a passagem de uma carta do proprio Whital enviada de Santos, em 26 de junho de 1587, a Ricardo Staper, de Londres. E' a seguinte: — "Aqui nesta terra, diz ele, em vez de John Whital, chamam-me de João Leitão. Eles me deram tal nome e não ha remedio, tenho que ficar com ele.

E' costume aportuguesarem os nomes estrangeiros neste país".

Por intermedio desse João Leitão principiara pois Fenton a travar conhecimento com algumas pessoas da vila. Mas, a sua frota foi logo posta em fuga por três navios da armada de Diogo Flores Valdés, comandados por André Higino.

E assim se livrou Santos das aleivosias de um perfido corsario.

Com o outro pirata, essa vila e a de S. Vicente sofreram bastante.

De fato, na manhã de 25 de dezembro de 1591 entraram no canal de Santos três velas da frota de Cavendish, capitaneadas pelo imediato Carlos Cooke.

Fundearam no estuario, defronte do porto.

Saltando em terra, encontrou Cooke quase todos os moradores na igreja a ouvir o ofício divino. Fê-los cercar; e ali os reteve o dia inteiro, depois de lhes propor grosso resgate pela liberdade.

Tomadas e saqueadas as casas, entregou-se a marinhagem a excessos de intemperança em vez de prover-se do que era necessario para o abastecimento dos navios.

O vigario Jorge Moreira, os fleis e os demais habitantes da vila, que se elevavam então a pouco mais de uma centena, protegidos pela embriaguês dos piratas e pelas trevas, fugiram durante a noite para os matos, para o interior, levando consigo tudo que pudesse ter algum valor.

Destarte, Cavendish, que se quedara em S. Sebastião, nada encontrou que lhe servisse de presa quando chegou dias depois com mais dois navios.

A vila estava deserta. E até o templo, da invocação de Santa Catarina, orfão da imagem da santa.

Cavendish, mais ousado do que venturoso, ainda conseguiu permanecer cerca de dois meses de posse de Santos.

Desertaram-lhe da frota nesse espaço de tempo Antonio Knivet e Henrique Barwell, sobrenome este que deu entre nós a corruptela Baruel.

Enfim, a esquadra do pirata Cavendish só levantou ancora e partiu pela barra fora quando uma expedição chegada do planalto a afugentou.

Inda por ultimo, ao passarem os piratas por S. Vicente incendiaram esta vila e depredaram alguns dos seus engenhos.

Nas "Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente", onde o padre-mestre frei Gaspar enfeixou bom pecuilio de noticias historicas a respeito tambem de Santos, encontra-se explanado este episodio no paragrafo referente a Luiz de Gois.

Assim disserta pois do assunto o historiador vicentino:

"Era Luiz de Gois irmão do donatario Pedro de Gois, e morou alguns anos na capitania de S. Vicente, para ond etrouxe sua mulher, d. Catarina de Andrade e Aguilar. Eles mandaram fazer a imagem de Santa Catarina, que ainda hoje se venera em Santos, e colocaram-na em uma capelinha, que edificaram ao pé do outeiro desta santa. Os ingleses (refere-se a Cavendish) quando roubaram a Vila do Porto de Santos, lancaram no mar a dita imagem, a qual é de barro e depois de muitos anos veio à terra casualmente, extraída pelos escravos dos jesuitas em uma rede, com que estavam pescando. Era nesse tempo reitor do Colegio de Santos o padre Alexandre de Gusmão, bem conhecido neste Estado por suas virtudes, e pelo seminario de Belem, que edificou uno reconcavo da Bahia: ele colocou a santa noutra capela maior, que com esmolas dos fieis mandou levantar em cima do outeirinho, porque já não existia a primeira. Ainda conserva a sagrada imagem algumas cascas de ostras, que nela se geraram, quando esteve no mar". (n. 71)

Benedito Calixto, cujo pincel tanto se inspirou no passado de Santos, reproduziu num de seus quadros essa segunda capela de Santa Catarina, alvejando entre arvoredos no viso do outeiro da mesma invocação.

Foi ela construida em 1603, ano em que estere no Colegio de S. Miguel, não como reitor, mas como vice-reitor, o padre Alexandre de Gusmão, segundo nos dá a saber o padre Serafim Leite, nestas palavras: — "Fato consideravel para Santos foi a estada ali como vice-reitor do Colegio o padre Alexandre de Gusmão em 1663". (Hist. da Comp. de Jesus no Brasil, 6, p. 433).

Infere-se ainda dos dois trechos citados que a imagem de Santa Catarina permaneceu setenta e dois anos no fundo do mar; pois é esse o espaço de tempo que medeia entre o saque de Cavendish e a estada em Santos do padre Alexandre de Gusmão, sabio jesuita, padrinho de crisma e protetor do outro Alexandre de Gusmão — santista insigne, irmão do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão e justamente considerado como o avô dos diplomatas brasileiros.

No amago da povoação, em cima daquele outeiro, ergueu a capela de Santa Catarina durante quase dois seculos o seu pequeno campanario. Depois descaiu o templo para o abandono, e deste para o desmoronamento e as pedras mudas da ruina.

A rua de Santa Catarina, hoje Visconde do Rio Branco, que chegava até a colina, mas não a transpunha, precisava desembocar na rua transversal, denominada Josefina ou da Palha, e atualmente rua da Constituição.

A vista disso, determinou a Camara Municipal o arrasamento do morro.

A remoção desse empecilho se prolongou, entretanto, por varios anos.

Em 1859, João Batista da Silva Bueno, Manoel Vitorino Lisboa e outros, mediante licença da mesma Camara, tiravam terra e extraiam pedra do morro de Santa Catarina.

Mais tarde ainda, isto é, em 1883, quando a rua Visconde do Rio Branco havia despassado o outeiro João e Joaquim Bento de Amorim e o coronel Candido Anunciato Dias de Albuquerque obtinham tambem licença para extrair pedra das pedreiras que possuiam à margem daquela via publica.

Assim foi desaparecendo aos poucos o outeiro de Santa Catarina, dado pelo capitão-mor Antonio de Oliveira, por carta de sesmaria de 1 de setembro de 1539, aos socios Pascoal Fernandes, genovês, e Domingos Pires, os dois primeiros povoadores de Santos.

Na verdade, ainda existe hoje em dia um vestigio delido dessa reliquia do passado. E' a grande pedra sobre a qual foi construido o predio n. 48 da rua Visconde do Rio Branco. Está do lado de dentro do portão, à esquerda de quem entra. Nela, em 1902, a Camara Municipal mandou colocar uma placa comemorativa, com os seguintes dizeres: — "Esta rocha é o resto do outeiro em que Braz Cubas lançou os fundamentos desta povoação, fundando ao mesmo tempo, epoca de 1543, o Hospital de Misericordia, sob a invocação de Todos os Santos, que deu o nome a esta cidade, e primeira instituição pia que se estabeleceu no Brasil. — Camara Municipal de Santos — 22 de outubro de 1902".

Essa pedra historica, que nos transporta o pensamento e a alma para os longes do passado, deve ser conservada como marco imperecivel do berço da cidade.

Pedra angular da cidade, ela nos relembra o templo onde os primeiros santistas acendraram a fé, assim como evoca paginas do passado que nos acendram o civismo.

Em baixo, na planura, junto do outeiro que ela hoje simboliza, construiram as suas moradas Braz Cubas e Luiz de Gois. Bem proximo deles surgiram depois a Santa Casa, a primeira do Brasil, e o Colegio de S. Miguel, dos padres jesuitas. Assim, com a sua capelinha no cimo do morro, nimbada da luz refulgente e amavel do sol, começou a estender-se a vila numa sucessão de modestos fogos.

Após as hordas aventureiras de Cavendish, afortalezou-se ela, melhorando e aumentando as fortificações e as guarnições.

Por ultimo, um deposito para o material de guerra já era tambem necessario.

Construiu-se então a **Casa do Trem**, armazem belico ou arsenal, onde se guardavam arcabuzes, mosquetes, canhões de diversos calibres fundidos em ferro e bronze, lanças, corseletes, morrões e outras armas ofensivas e defensivas.

A este respeito, Francisco Xavier de Tavora, nomeado governador do Rio de Janeiro por carta patente de 2 de julho de 1712, recebia logo de D. João V uma carta sobre a representação que lhe fizera o governador da Praça de Santos quanto à construção de uma casa propria para a arrecadação das armas e posto militar. Era ela deste teor:

"Francisco de Tavora amigo:

Eu el-rei vos envio muito saudar.

O mestre de campo governador da Praça de Santos, em carta de 3 de janeiro deste ano, me deu conta da despesa que se faz todos os anos com o aluguel das casas para armazens das armas e corpo da guarda, que importa os juros de 5.000 cruzados, podendo-se com pouco mais comprar casas para tudo, e ficarem as armas melhor arrecadadas e tratadas sem o dano que se experimenta de estarem divididas por várias partes; e pareceu-me dizer-vos, encomendeis a João Massé que, quando fôr à vila de Santos, veja o que representa o governador daquela Praça sobre o dito armazem, e com a sua informação me dareis conta para se poder tomar a resolução que fôr conveniente. Escrita em Lisboa, a 9 de novembro de 1712. — Rei. — Miguel Carlos. — Para o governador e capitão geral do Rio de Janeiro".

Apesar de atingirem então as minas do Brasil o mais elevado grau de opulência, a casa do trem não foi edificada.

Antonio Luis de Tavora, 4.o conde de Sarzedas e sexto governador e capitão general da Capitania de S. Paulo, que tomou posse em 15 de agosto de 1732, enviava ao rei apenas quatro dias depois um relatório onde dizia:

"Também faço presente a V. Majestada que, depois que cheguei à praça de Santos, visitei as fortificações e armazens em que se acham as munições dela, e do seu miseravel estado consta a relação que com esta a V. Majestade remeto, e o mapa da sua guarnição, para que lhe aplique o remédio de que necessita, em ordem à segurança daquelas marinhas que totalmente carecem de uma muito grande providência".

Ponderaram tanto no ânimo de D. João V essas palavras que, por Carta Régia de 30 de outubro do ano seguinte, autorizava ele ao conde de Sarzedas a cotinuar as obras da fortaleza da "Estacada", começada por João de Castro; a descobrir a fortaleza da Bertióga do mato que a afogava de um dos lados; a reparar a de Santo Amaro; a fazer na Casa da Polvora as obras necessárias e, finalmente, a providenciar sobre o deposito de materiais bélicos.

Durante dois anos levaram a examinar a questão das despesas orçadas naquele relatório; pois a 14 de fevereiro de 1734 ainda escrevia ao rei o conde de Sarzedas:

"Em cumprimento da real ordem de V. Majestada por que me manda informe se a consignação que havia aplicado para as fortificações da Praça de Santos de 4.000 cruzados com os 4.000 que V. Majestade de novo manda acrescentar para as obras que novamente se hão de fazer no Armazem da Casa da Polvora e Fortaleza da Barra Grande e Bertióga, mandei ao governador da dita Praça que com o Provedor da Fazenda Real fizessem orçamento; e pelas suas informações, que com esta a V. Majestade remeto, se assentou serem necessários para esta obra em cada ano 12.000 cruzados com a brevidade de que depende a segurança da mesma Praça e haver aonde se recolham as armas, polvora e mais munições pelo grande prejuizo que receberão da inclemência do tempo, não tendo reparo, e a não ser feito com brevidade me parece bastarão os 8.000 cruzados em cada ano".

Ao governador da Praça, João dos Santos Alá, aí referido, escrevera de fato em 17 de janeiro do mesmo ano o conde de Sarzedas. Tratava do assunto neste relanço:

"Remeto a v. s. a carta de S. Majestade de 30 de outubro do ano passado, que é em resposta à conta que lhe dei sobre a falta de soldados que há nesta Capitania, pelos poucos que tem essa Praça para as diligências do serviço Real e estado das fortificações das barras dessa vila, a que o dito Senhor deferiu como v. s. verá, mandando fazer as obras declaradas na dita ordem para o que manda dar, além dos 4.000 cruzados que estão consignados para as fortificações, outros 4.000 cruzados, todos do Rio de Janeiro".

Esse governador da Praça de Santos — João dos Santos Alá, era cavaleiro professo de São Tiago e mestre de campo da referida Praça por provisão de 24 de fevereiro de 1731.

Casado em Santos com Leonor de Siqueira e Araujo, filha de Timoteo Corrêa de Gois e de sua mulher Maria Leme das Neves, prima esta do padre Gaspar Gonçalves de Araujo, não teve descendência.

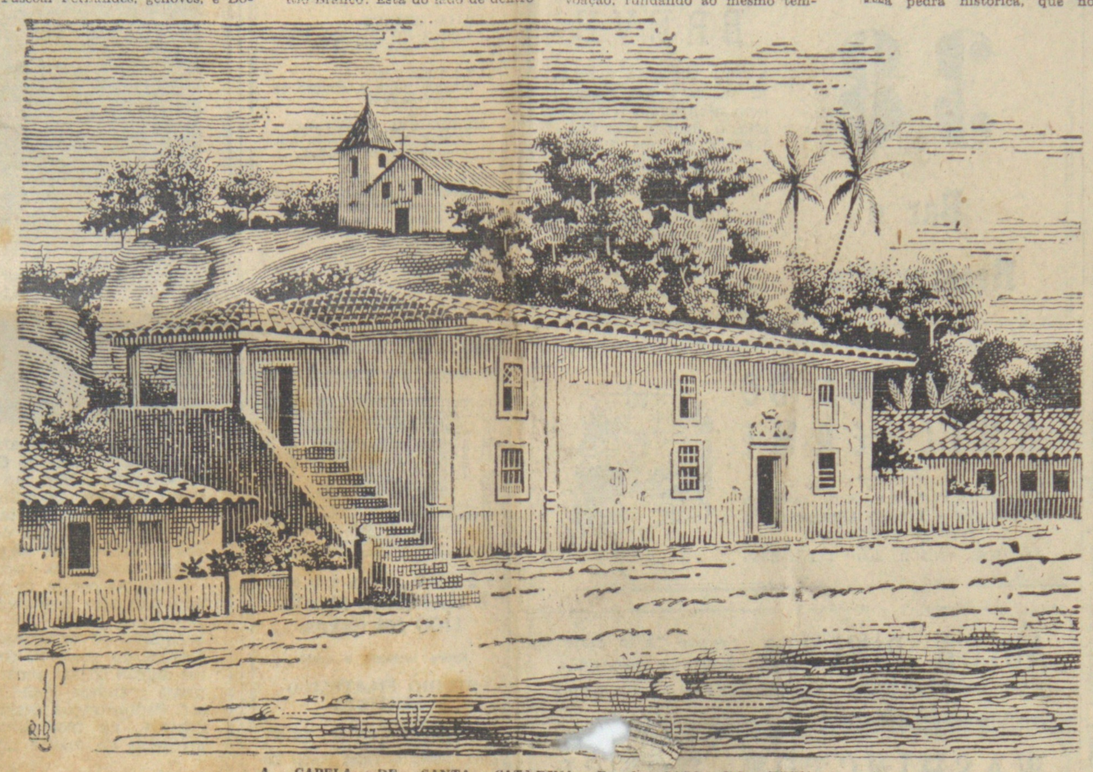
Era ele cunhado do tenente João de Gois e Araujo e concunhado do capitão de infantaria da mesma Praça José Galvão de Moura Lacerda, de Bento de Oliveira Leitão e do mestre de campo Diogo Pinto do Rego.

O conde de Sarzedas, na informação acerca dos funcionários públicos da Capitania, tanto civis como militares, que remeteu a D. João V, em 9 de maio de 1735, assim se externou quanto ao governador João dos Santos Alá: — "O governador daquela Praça de Santos, ainda que o julgo mui capaz de dar boa satisfação de si, contudo não tem até o presente adiantado o conceito que dele se fazia já nesse Reino no tempo da guerra próxima passada em que serviu, ainda que tem bom genio para agradar os povos, os quais não vivem descontentes do seu governo, nem falta à advertência das minhas ordens, havendo-se pontualmente na execução delas".

Na mesma data, dirigia-se também o conde de Sarzedas a Antonio Francisco Lustosa, provedor da Fazenda Real de Santos, dizendo-lhe:

"Ao governador dessa Praça mando uma Provisão vinda nesta frota, pela qual S. Majestade manda fazer fortaleza na Barra Grande e outras obras nessa Praça, e além dos 4.000 cruzados que tem de consignação, manda dar

(CONTINUA NA 6.a PAGINA)



A CAPELA DE SANTA CATARINA E A CASA DO TREM
Quadro de Benedito Calixto num disco de pena de Ribeiro da Silva

A ESTRELA

(Uma aventura garimpeira em quatro capítulos)

AFONSO SCHMIDT

— III —

NO CORAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL

No fim da semana seguinte, chegou a Uberlândia. Aquilo é que é cidade, pela graça das suas vias públicas, pela abastança em que vivem os fazendeiros, os comerciantes, os funcionários. A gente entra num bar e logo se sente numa roda de amigos. O dono do hotel em que Gervasio se hospedou quis logo vender-lhe um zebú à prestação.

— Onde está esse zebú?

— Vai nascer dentro de quinze dias. E' filho do Malhadão e da Guabiroba, animais de "pedegree".

— E se ele morrer?

— Se morrer, o senhor perde o dinheiro. Mas se nascer e se criar, os subscritores poderão vende-lo por oitocentos contos. Já há por aí muitas propostas.

Ali esperou alguns dias, até que o chefe da estação, homem prestativo, cansado de vê-lo apresentar todas as manhãs o conhecimento no "guichet", telefonou para o hotel, anunciando-lhe que a máquina havia chegado. Gervasio encostou o "Passe de largo" na plataforma do armazem de cargas e retirou as nove peças que ele mesmo lhe havia consignado. Depois do almoço, tocou por uma estrada de jardineiras e internou-se nas planicies ruivas do outro Estado. Então, os povoados foram rareando. De manhã, encontrava um; de tarde, encontrava outro. Disse adeus aos hoteis concorridos, onde os caixeiros viajantes comiam e bebiam do bom e do melhor. Ali pelo meio dia, parava o veículo perto de uma aguada e descansava. Que calor, puxa!

— Para onde se atira, moço?

— Para o Lageado.

— O caminho melhor parte dali, adiante...

— Obrigado.

— Vai de caminhão?

— Espero.

— Hum... Vai custar.

O informante tinha razão. Esse percurso de mais de 900 quilometros era feito normalmente a cavalo. Mas o tempo estava bom. Havia três meses que não caia pingo de chuva. Por isso, ele embicou pelo caminho apenas assinalado na capoeira e foi tocando. O "Passe de largo" dava pinotes. De quando em quando, encontrava uma assentada limpa e, esmagando a vegetação seca, ganhava o tempo perdido. Quando de todo não podia continuar, esperava a passagem de alguns cavaleiros que, amavelmente, o auxiliavam a vencer os obstáculos.

Três dias depois, o carro estacou no terreiro de uma venda. Ali havia comida, alugavam-se camas. Mas isso era para gente fina porque os garimpeiros dormiam ao relento, embrulhados na manta, ao calor da fogueira. Os mais precavidos traziam rede, pano de gaze por causa dos mosquitos, um naco de carne seca e uma cúia de farinha de mandioca.

Nessa venda, encontrou negociantes de toda classe. Eram faiscadores e capanguistas que mantinham transações com o Rio de Janeiro. Os diamantes andavam de mão em mão, a preços irrisórios. Fizeram-lhe as mais enlouquecedoras propostas, mas ele se absteve de fazer negócios. Para que? Dentro de alguns dias, a máquina do Seléuco ia funcionar e das suas bicas correriam fios de ouro, de diamantes e pedras preciosas. Por isso, teve um sorriso de piedade para aqueles infelizes, desconhecedores da técnica, dos progressos da mineração. Já noite, sentados ao redor da grande mesa, à luz de um lampião de querozene, comeram o jantar que lhes foi servido. Jantar pobre mas, em compensação, por preço de tirar couro e cabelo. Muitos se interessaram por ele. Submeteram-no a verdadeiro interrogatório.

— Que leva você nesse caminhão?

— Uma máquina.

— Máquina para que?

Ele teve ímpetos de responder: "Para tirar a ferrugem da lingua dos especulas"... Mas estava em pleno sertão, entre gente desconhecida, que andava com a faca e o trabuco na cinta. Pensou um pouco e, para desviar a curiosidade, respondeu:

— Vou montar uma lavanderia em Lageado...

— Ah, sim... Pensei que fosse como aqueles outros que passaram por aqui e tinham o rei na barriga...

O vendeiro achou muita graça naquilo; chegou a entornar a bebida que estava botando no copo.

Um homem quis ver a máquina de lavar roupa.

— Eles inventam cada uma, não? Mas o chofer desconversou.

— Amanhã cedo eu mostro. Estou cansado. Quando cair na cama será como prego em poço...

Tinha sua idéia a esse respeito. Deitou na rede, cobriu-a com o filó, mas não conseguiu dormir. Durante a noite continuou aquela falatório. Gente que chegava e que partia. Uns jogavam, dando grandes risadas. Outros bebiam e cochichavam. Lá fora, na noite clara, um desconhecido tocava violão e cantava.

Ainda com estrelinhas no céu Gervásio levantou-se, pagou o dono da venda e foi para o terreiro. Durante a noite, os curiosos tinham tirado a lona para ver a máquina de lavar roupa. O grande funil de madeira, o tambor de zinco e as três bicas estavam ao relento, molhados de sereno. Mas tudo intacto, graças a Deus. Depois desse exame tranquilizador, Gervasio estendeu de novo a lona sobre a carga e tocou, improvisando caminhos. Muitas vezes teve de cortar e cortar troncos para estivar os banhados, afim de que o veículo pudesse prosseguir viagem. E aquilo levava horas.

As vendas, que só apareciam de cem em cem quilometros, foram amiudando. Almoçava huma, jantava noutra. Os capanguistas e agentes de grandes firmas esperavam-no no terreiro, com um riso folgazão:

— Aí vem a traquitana!

Tomavam ares amigos e lhe faziam perguntas bobas:

— Quantas peças de roupa espera lavar por dia?...

Gervasio guardava silencio e sorria. Sorria da ingenuidade daquela gente. Dentro de pouco estaria de volta e, então, poderia dizer com quantos páus se faz uma canoa.

Começou a encontrar homens descalços, maltrapilhos, mas contentes. Alguns traziam debaixo do braço a gamela redonda e rasa a que chamavam bateia. Eles rodeavam o caminhão, elogiavam o heroismo da caminhada e acabavam aceitando um cigarro cordial. E foram desembuchando as durezas da sua vida. Nem todos eram o que pareciam. Depois de uma conversinha, ficava sabendo que este era guarda-livros, aquele fora proprietário de um café na Gamboa, aquele outro era artista. Trazia sempre consigo o violino; quando tocava até o vento parava na folhagem, para ouvi-lo... O velho barbado que arrastava uma perna, envolta em traços, trazia um livro de Flammarion no bolso do paletó...

— Mas que fazem vocês por aqui?

— Nós andamos à procura da estrela.

Então, Gervasio compreendeu. No sertão do sertão, onde a terra perde o nome, os ribeirões falam sozinhos como quem tem remorsos. O andejo chega de longe, carregando nas costas um saco de amarguras; ergue nas quatro estacas o teto de buriti, faz a cama de varas, acende o fogão de três pedras, passa a noite sonhando com a estrela...

No dia seguinte, pega a bateia, entra no riacho com água pelos joelhos e começa a garimpar. O sol é de fogo. A água é de vidro. A areia é de ouro fino. Mas no fundo da gamela — aí do garimpeiro! — não aparece a estrela.

O primeiro que passa na margem do riacho, senta nos calcanhares e conta:

— O garimpo da Madre de Deus tá bamburrando. Você já sabe?

O garimpeiro bota a bateia debaixo do braço e corre para lá. Novo estirão. Novo rancho. Nova tarimba. Nova itacoruba. De velho, só a esperança. A esperança na estrela.

Encontra muitos homens como ele, com água para cima dos joelhos. O sol lhes queima as costas nuas. A espinha, vergada o dia inteiro, lhes doi como se estivesse partida. E a bateia — glu, chua... glu, chuá... — continua a tirar só cascalho do fundo do riacho. Só cascalho.

Mas um passante traz-lhe a novidade:

— Você já sabe? Deu bamburro no Ribeirão do Enforcado!

O garimpeiro sai correndo atrás da esperança. Já não tem dinheiro, já não tem roupa, já não tem nada. Mas ha-de garimpar a estrela. Lá chegando, encontra milhares de outros homens, bateia nas mãos, vergados sobre a própria imagem, uma imagem trémula, estilhaçada na flor do corrego. A água está limpa, a areia está pontilhada de misteriosos brilhos, mas ele não apanha a estrela.

Já não tem o que comer. Não mais se dá ao trabalho de erguer o rancho, de armar a cama de varas, de juntar as três pedras da tipóia. Para que? Anda quase nú, dorme ao relento, ao pé da fogueira, de olhos abertos, garimpando estrelinhas no céu.

Um que chega da corrutela fica de cócoras e diz:

— Você é que se chama Sebastião? Trouxe comigo esta carta que anda correndo de déu em déu, atrás de você. Chegou no Carmo, você não estava. Chegou na Madre de Deus, você já tinha ido. Chegou no Ribeirão do Enforcado e foi à tôa...

O garimpeiro corre para a margem, recebe de mãos trémulas a carta e põe-se a ler. O pai está desempregado, a mãe no fundo da cama. A irmã, mocinha, que fim levou? Volte, meu filho! Volte meu filho, pelo amor de Deus!

E o passante, para dizer alguma cousa, lembra:

— A gruplara do Enterrado Vivo está bamburrando! Falei com gente que veio de lá...

Faz-se um silencio convéxo.

— Até a vista...

— Obrigado, meu irmão...

No mesmo dia, o garimpeiro toma a estrada. Capina, capina. Não a estrada que leva à corrutela, à vila, à cidade, ao mundo, mas a estrada que afunda no sertão, o sertão do sertão. Lá vive um povo à procura da estrela, uma estrela como as outras. Parece próxima, ali mesmo, tão pertinho, é só estender a mão... Mas isso é só para enganar os pobres caminheiros das estradas azuis que não têm fim!

A' Margem dos Livros

ALVARO AUGUSTO LOPES

"E' PRIMAVERA... ESCUTA" — Versos — Maria Teresa de Andrade Cunha — Rio de Janeiro — 1949.

TIVEMOS uma das mais agradaveis surpresas ultimamente sentidas, ao manusear este primeiro livro de Maria Teresa de Andrade Cunha. Foi como se nos houvessem revelado um mundo desconhecido, ou descoberto uma estrelinha nova, que fez aparição no meio do esplendor palpitante das constelações...

Ouvimos dizer que tem apenas vinte dois anos, essa poetisa que se apresenta sem a encorajadora recomendação dum paraninfo, à maneira de amplo manto protetor para assegurar possiveis indulgências; sem prefácio do próprio punho, para solicitar do público severo, uma acolhida benévola à mocinha inexperiente. Simples e resoluta, a personalidade da autora destes poemetos se nos impõe à aceitação, à simpatia e, por vezes, ao entusiasmo, pela força ao mesmo tempo insinuante e imperativa da sua presença.

Com tão pouca idade não lhe notamos a indecisão do tateamento canhestro, o balbucio da linguagem, a debilidade natural do raciocínio mal amadurecido. Ao contrário, o seu éstro brota com espontaneidade vigorosa, através de imagens e conceitos que não denunciam a tortura da criação e o esforço de exprimir o sonho interior. Os versos defluem correntios, faceis, cantantes, aparentemente tangidos por uma inspiração que desdenha complexas acrobacias verbais para encontrar a forma adequada.

Sua faculdade de ver tudo com as pupilas da beleza transforma os objetos mais comuns e triviais que nos cercam em motivos de emoção estética, tal como verificamos no soneto sob o titulo "A parede". Ei-lo:

Encantou-me a beleza muda e estranha
Dessa parede muito branca e nua,
Que, impassivel, as horas acompanha
Olhando a vida, olhando o céu, a rua...

Nas noites de luar, toda se banha
Na suavissima e tenue luz da lua;
E, quando o sol se eleva na montanh
Toda ela se acende, e abrasa e estua!

Nos dias de esplendor da primavera,
Nunca sonhou com lindas trepadeiras,
Mas — inda lembra — uma arvore ensombrou-a

E' simples; nada pede, nada espera;
Se chove, chora o pranto das goteiras...
— E' nua e branca como uma alma boa!...

Poetisa igualmente sensivel à contemplação da natureza, sob o espetáculo duma paisagem, como aos tesouros de ternura do coração humano, é no entanto em redor dos temas de feição intimista, que com mais frequência gravitam os versos aqui reunidos. Há um lirismo diluido nestas composições, em que se confidenciam as primeiras experiências do Amor, na sua iniciação cheia de mistérios e desenganos, já de si dolorosa e melancólica.

Percebe-se, aqui e ali, o amargor dum desencanto talvez precoce; a preciência duma angustia futura, a tristeza duma renúncia, mais adivinhada do que sentida. Mas em sua maioria, estes poemetos foram forjados ao calor duma exaltação sensual ainda não satisfeita — duma especie de sensualidade quase casta pela ausência de realização, — como nos mostra esse belo soneto "Desejo", apanhado, ao acaso:

Na grande exaltação que me tortura,
Porque desejo tanto e inutilmente,
O teu amor apenas me consente
A carícia das mãos, suave e pura..

Nunca um beijo de amor. Nunca a doçura
De um longo beijo rubro e incano e ardente.
Nunca teu braço apaixonadamente
Ao redor de meus ombros ou cintura...

Apenas tuas mãos postas nas minhas,
— Por que não vês, por que não adivinhas
Tudo que, em vão, meus lábios já sonharas?...

Ah!... quando sós estou, Deus, como louca,
Num beijo insatisfeito esmago a boca
Nas minhas mãos que as tuas afagaram!...

Confissões análogas, comovedoras pela sinceridade, pela eloquência, pela delicadeza da expressão, que a poesia transfigura com a sua graça dionisiaca, deparam-se a cada página deste livro de Maria Teresa de Andrade Cunha, que, não obstante alguns defeitos inevitaveis de quem começa, sem favor se deve incluir entre as mais felizes estrélas literárias deste ano.

"A FISCALIZAÇÃO DO IMPOSTO DE CONSUMO E O SEU LADO PITORESCO" — Dilermando Duarte Cox — Rio — 1949.

REUNINDO num volume de quase trezentas páginas, alguns discursos, anedotas, perfis curiosos de funcionários do Ministério da Fazenda, o sr. Dilermando Duarte Cox, antigo fiscal do imposto de consumo, oferece-nos um livro referto de amenidade ligeira, despretensiosa, embebida de "humor" leve, por vezes irreverente.

Espanta verificar a maneira pela qual um veterano servidor público soube extrair da aridez da profissão fértil de aborrecimentos, atritos, formalidades, enfadonho papelório burocrático, uma coleção variada e divertida de episódias, chistes, observações, narrativas alegres, que, em suas linhas mais largas, concorrem para conformar a psicologia não só duma classe, mas também duma politica administrativa, duma época, dum povo. Contente, ao que parece, com a carreira bastante ardua que aceitou, observando-lhe os precalços com boa disposição de espirito, numa ufania um tanto "rastacuéra" do ofício, o A. faz o louvor incondicional da sua missão de colaborador da arrecadação pública, através de relatos auto-biograficos ou casos do "metier" ocorridos a outros colegas.

Nota-se a preocupação de citar nomes por extenso, identificando as pessoas num vezo personalista muitas vezes indiscreto e nem sempre necessário. Esse hábito de particularizar os fatos empresta ao livro uma feição de familiaridade provavelmente constrangedora para os colegas visados, maxime quando a referência não exclue situações ridículas, como por infortúnio muitas vezes acontece.

Coletânea de escritos sem intuitos literários, para serem lidos "inter amicos", embora não deixem de suscitar o interesse do leitor comum, este livro tem o mérito de nos revelar a personalidade do cronista, que sabe como contar uma história, com uma boa piada "in fine" para fazer rir. Outra revelação é a galeria de brilhantes escritores contemporâneos, como José Lins do Rego, Mucio Leão, Viana Moog, Amando Fontes, Da Costa e Silva e outros, que, fora das lides literárias, na vida prática, desempenham o cargo de fiscais do imposto de consumo, como o autor.

Evidencia-se, neste pormenor, o critério do extinto governo autoritário, em nomear para esse posto de pingues proventos, (dantes só acessivel a afilhados das oligarquias) homens de talento, como os indicados, embora o cronista refira, em tom galhofeiro, a absoluta inaptidão de alguns deles para se enfronhar em textos massudos de códigos e regulamentos...

"100 COMENTARIOS" — Eduardo Palmério — (Camarada Lorotoff) — Livraria José Olimpio Editora — Rio — 1949.

Ao contrário do sr. Dilermando Duarte Cox, que faz humorismo da profissão, o sr. Eduardo Palmério, nosso colega de imprensa, na realidade exerce a profissão de humorista. Dia a dia, no mesmo canto de coluna, sob epígrafes pilhéricas e com o pseudonimo de "Camarada Lorotoff", vem, há tempo, tecendo comentários oportunos sobre acontecimentos politicos, sociais, administrativos, numa atitude zombeteira, sorridente, algo céptica, de que nos transmite certo ressaibo agridoce.

E' bem dificil, num país onde poucos sabem rir com superioridade das mazelas nacionais, dos êrros coletivos, essa tarefa cotidiana de expremer um assunto aparentemente sério, grave, sizudo, para lhe extrair o sumo alegre, satírico, ridículo. E todavia o consegue o Camarada Lorotoff, sem denunciar muita ginástica mental, numa crítica acidulada mas justiceira, como o faziam as "Farpas" do Eça ou as páginas de "Bom Humor" de João Chagas.

No Brasil atual existem alguns escritores deste genero, que se distila em breves croniquetas, como essências em pequenos frascos. Manejam uma forma especial de análise e observação dos costumes, com espírito cáustico mas construtivo, alguns meio frivolos, como Berilo Neves; porém outros sempre envolvendo o "granus salis" numa goticula de fel, que nos convida a pensar, refletir como Alvaro Moreira ou Genolino Amado. O A. deste livro pertence à última casta de humoristas, que nos tem algo a dizer para nossa edificação, nosso labor silencioso de meditar, sob o disfarce transparente duma frase redonda, que esfusia, no meio de periodos austeros, como uma risada em ambiente solene e conspicuo...

À feição de Moreira e G. Amado, ele manipula o paradoxo com a habilidade dum agil boticário, a esmigalhar venenos num almofariz de aspecto inocente. Sua "verve" endiabrada se veste das roupagens suspeitas da ironia, como dama respeitavel em "travesti" espalhafatoso para se esconder da curiosidade das convenções. E com o florete afiado dessa atitude ironica — arma bigúmea que exige do esgrimista perícia para não ferir susceptibilidades epidérmicas — vai derribando abusos, zurzindo desidias, acaçapando ôcas mediocridades de pechisbeques, tudo numa graça amavel e mansa que deixa os mais agastadiços largados em paralisia inibidora.

Destarte, escrevendo diariamente, para saciar a fome das rotativas, em emissão a jacto contínuo de conceitos e reflexões, o sr. Palmério tem a versatilidade inquieta das borboletas, ao versar os assuntos mais diferentes, como a poesia e o café, assim os casos de polícia como o preço dos livros, misturando o jogo e o Senado, o bicho e a psicanalise, abordando o problema do salário dos barbeiros com o mesmo "pince-sans-rire" com que divaga sobre a vagabundagem e a preguiça.

Seu olhar prescrutador não esbarra nos limites dos horizontes estreitos; seu comentário agudo e contundente como setas intromete-se em tudo, revolve os escaninhos da vida trivial, mais imprevistos; agita idéias, forma opiniões, numa faina incansavel de glosar acontecimento da vespera, como pratos do dia preparados com a sapiência dum "gourmet" amavel para um público faminto, que deseja devorá-los com os condimentos da malicia, da mordacidade e do sarcasmo.

Guia do VERANISTA

HOTÉIS

Vai à Serra Negra!

Hospede-se no "HOTEL DO COMERCIO" —:— Tel.: 12
Vindo a Santos
PENSÃO ALVAMAR
AV PRESIDENTE WILSON N. 96
TEL.: 6-2015
A MESMA DIREÇÃO

LATICÍNIOS JABOTICABAL

PREÇOS ESPECIAIS PARA HOTEIS e PENSÕES

Queijos: Minas, Prato, Lanche e Parmesão. — Mussarella de 1.a qualidade e todos os produtos do ramo.

RUA SENADOR FEIJO', 402-404 — Fone: 2-8178

RITZ HOTEL

— O MAIS MODERNO DE SANTOS —

Acomodações com ou sem refeições — Alugam-se, por mês, quartos e apartamentos mobiliados, com todos os serviços, inclusive café completo pela manhã para uma pessoa, desde Cr$ 1.700,00, e para duas pessoas ou casal, desde Cr$ 2.100,00.
TRATAR, à
AV. MARECHAL DEODORO, 24 — TELEFONE: 4-1171

BRIKMANN HOTEL

Telefs. 4-1121 e 4-1122 — Av. Pres. Wilson n. 72

HOTEL BELA VISTA

BAR e RESTAURANTE
Cabinas e Roupas para banho
— TELEFONE: 4-1342 —
AV. PRES. WILSON, 239
(Praia do José Menino)
Próximo ao ponto final dos bondes da Estrada de Ferro e de todos os ônibus de São Paulo

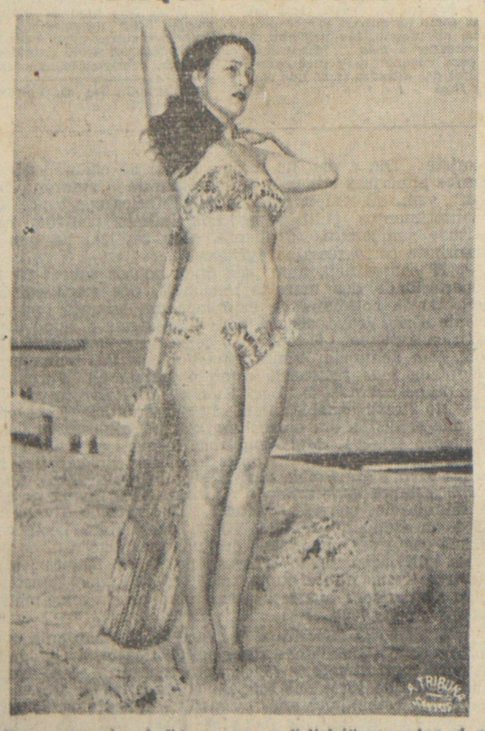
DANCINGS

IMPERIAL DANÇAS

O DANCING predileto do público, com 40 bailarinas de salão e orquestra sob a direção de JOSE' MARIO.

PRAIAS

DAQUI E DE FORA



Essa sensacional figura que o "cliché" reproduz é a princesa Tulane exibindo uma das mais recentes criações em modas de praia — o "maillot" Bikini — na famosa Miami Beach. O nome Bikini foi adatado após as experiências com a bomba atômica, afim de caracterizar um traje de banho moderno e discutido. Qualquer cousa de acordo com a bomba atômica...

TENHA OS ENCANTOS NATURAIS,
TRATANDO SUA CUTIS COM
CRÊME YESMIM
CABELOS LINDOS E PERFUMADOS, COM
PETRÓLEO YESMIM

RESTAURANTES

38

Bar e Restaurante

BREVE

à rua Floriano Peixoto n. 38, será inaugurado, com montagem a capricho, o BAR e RESTAURANTE 38, uma filial da conhecida "GRUTA DO RIO"

Especialidade em serviços de lunch, cozinha estilo carioca e a LA CARTE.
AGUARDEM!

A CANTINA DO GUILHERME

Especialidade em cozinha napolitana - Pizza - Churrascos e frangos grelhados.
Av. Pres Wilson. 200- Tel 4-3340

ADEGA PIMENTA

Serviço "à la carte"
Asseio e prontidão
JOSE' LOPES DUARTE - Rua João Pessoa, 4 - Tel 2-3763

WASHINGTON HOTEL

— RESTAURANTE —
Telefone: 2-3245
PRAÇA DA REPUBLICA, 67

ADEGA ROMANO

BALNEARIO - RESTAURANTE - BAR
PIZZARIA - OSTRAS FRESCAS
BOCCE

Não nos procure...
pior comida no melhor restaurante!
EXPERIMENTE!

AV. PRESIDENTE WILSON, 98 — Fone: 4-3400
(FRENTE PARA O MAR)

ARAY

RESTAURANTE — BAR
PIZZARIA — CONFEITARIA
SORVETERIA

Completo serviço de lanches finos — Aceitam-se encomendas para festas - Cozinha sob a direção do "mestre-cuca" Felix.

Proprietário:
CLOVIS HENRIQUE CAMPOS
AV. PRESIDENTE WILSON, 26
Fone: 4-1027

PENSÕES

PENSÃO BRITÂNIA

TELEFONE: 4-1976
Avenida Vicente de Carvalho N. 57

EMPRESAS DE ÔNIBUS

ÔNIBUS PARA O GUARUJÁ

Aos domingos e feriados, de 15 em 15 minutos, a partir das 12,30 horas.

Partida de Santos: Praça da Independência, 14
Telefone: 4-3433 — Gonzaga
Partida de Guarujá: Grande Hotel Guarujá

Aproveitem para conhecer a mais bela piscina da América do Sul, situada defronte ao Grande Hotel, assim como: Praia das Tartarugas - Praia do Tombo e Recreio Astúrias — viajando pela VIAÇÃO GUARUJÁ' —:— Brevemente ônibus para a Bertioga

Guarujá Parte	Santos Gonzaga	Santos Chega Cidade	Santos Parte Cidade	Santos Parte Gonzaga	Guarujá Chega
6,30	7,00	7,15	—	B- 6,30	7,00
7,40	8,10	8,25	7,30	7,45	8,15
8,40	9,10	9,25	8,30	8,45	9,15
9,40	10,10	10,25	9,30	9,45	10,15
A-10,40	11,10	—	10,30	10,45	11,15
11,10	11,40	11,55	—	B-11,10	11,40
12,30	13,00	13,15	12,20	12,35	13,05
13,10	13,40	13,55	13,00	13,15	13,45
13,40	14,10	14,25	13,30	13,45	14,15
14,10	14,40	14,55	14,00	14,15	14,45
14,40	15,10	15,25	14,30	14,45	15,15
15,10	15,40	15,55	15,00	15,15	15,45
15,40	16,10	16,25	15,30	15,45	16,15
16,10	16,40	16,55	16,00	16,15	16,45
16,50	17,20	17,35	16,40	16,55	17,25
17,10	17,40	17,55	17,00	17,15	17,45
17,50	18,20	18,35	17,40	17,55	18,25
A-18,10	18,40	—	18,00	18,15	18,45
A-18,50	19,20	—	18,40	18,55	19,25
A-20,00	20,30	—	—	B-20,00	20,30
A-21,15	21,45	—	—	B-21,15	21,45
A-22,15	22,45	—	—	B-22,15	22,45
A-23,45	24,15	—	—	B-23,45	24,15

OBSERVAÇÕES — Os carros A só irão até o Gonzaga
Os carros B só partirão do Gonzaga
Estes horários entrarão em vigor a partir do dia 10/5/1949.

ÔNIBUS PARA ITANHAEM

PARTE EM FRENTE A' ESTAÇÃO DA SOROCABANA
HORARIO:
SANTOS — Partidas: 8 horas — 13 horas
ITANHAEM — Partidas: 8 horas — 13 horas
EMPRESA PRAIANA DE PASSAGEIROS LTDA.
Passagens e informações: RUA ALEXANDRE HERCULANO N. 237

Recantos pitorescos

GUARUJÁ'
Onibus à praça da Independência, no Gonzaga
Ferry-boats para autos, na Ponta da Praia
Lanchas que partem defronte a Alfândega

BERTIOGA
Lanchas que partem defronte a Alfândega

PRAIA GRANDE
Onibus no Gonzaga, junto à Fonte Luminosa

ITANHAEM
Onibus junto à Estação da Sorocabana

MORRO STA. TEREZINHA
Onibus junto à Fonte Luminosa no Gonzaga

MONTE SERRATE
Elevadores instalado à praça Correia de Melo, 33

AQUÁRIO
Qualquer condução para a Ponta da Praia

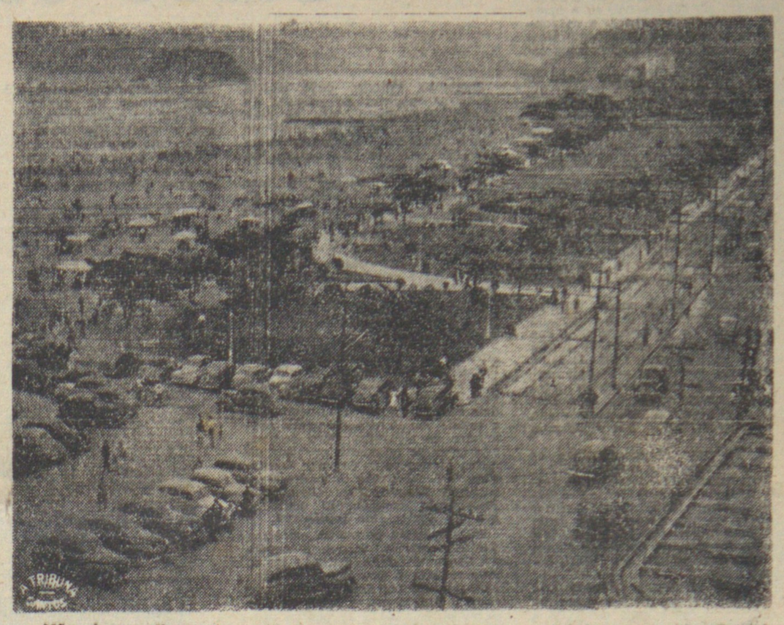
ORQUIDÁRIO
Qualquer condução para o José Menino

BIQUINHA (S. VICENTE)
Qualquer condução para S. Vicente

STUDIO FILATELICO SANTISTA

SELOS, ALBUNS E MATERIAL FILATELICO EM GERAL
Troca, compra e venda
STUDIO FILATELICO SANTISTA
RUA JOÃO PESSOA 22 - 2.o andar - Sala 10
Telef. 2-8903 — Caixa Postal 237

SANTOS, CIDADE TURÍSTICA



Não é um flagrante raro da nossa inconfundível praia do Gonzaga que publicamos acima. Bem ao contrário, a presença buliçosa de milhares de banhistas e a concorrência constante de automóveis são aspectos comuns de Santos, fenômenos rotineiros nos alegres domingos ensolarados de nossa "urbs".

Inegavelmente, os poderes públicos locais não têm descurado na solução dos problemas creados por esse afluxo extraordinário de veranistas, procurando, na medida do possivel, desenvolver iniciativas dignas de um centro turistico de primeira grandeza, como nos orgulhamos de ser. Comprovação decisiva aí está, transparente, na modernização das artérias próximas do mar e no feitio caprichoso dos jardins paralelos, aos quais a Prefeitura dispensa carinhoso tratamento.

A iniciativa particular, por sua vez, não ficou atrás na faina de desenvolver recursos que resultem em comodidade para os visitantes. Os arranha-céus, gigantescas flores de concreto num desafio perene rumo às alturas, alastram-se rapidamente de um extremo a outro da baia, como um atestado eloquente das nossas imensas possibilidades. Os hoteis luxuosos, as pensões confortáveis, os empórios bem surtidos, os restaurantes modernos e outros representantes de um comércio florescente completam o aparelhamento da cidade, atraindo sempre mais e mais o turismo do Estado e do Pais.

BALNEÁRIOS

BALNEÁRIO DO PAPAI

AVENIDA PRESIDENTE WILSON Ns. 203 e 205 — FONE: 4-2990
(Praia do José Menino)

Lugar familiar, próprio para grandes piqueniques, com instalações para 1.500 pessoas, com dois pavilhões para dansas - Aproveite suas férias e fim de semana, hospedando-se com sua familia neste balneário
Dispomos de ótimos quartos mobiliados para familias, à beira-mar, com ou sem pensão.

Anexo: Restaurante, Bar, Sorveteria
CABINAS E ROUPAS DE BANHO

Ponto final do bonde 3 e de todos os ônibus de São Paulo.
Ao lado do "Hotel Internacional"

A GUANABARA

BALNEARIO
Alugam-se cabinas e roupas para banho
EDUARDO OPP & CORREA
Av. Presidente Wilson, 31 — Fone 4-1237 — GONZAGA

CAÇA E PESCA

ARTIGOS PARA PESCA

(O melhor sortimento da cidade)
Grande variedade de varas, anzóis, corripos, chumbadas, etc.

CASA AMADO
Rua São Bento, 26 - Fone 2-4031

AGÊNCIAS DE AUTOMÓVEIS

Agência de Automóveis "Atlântico"

Fones: 4-4777 4-2400

ATENDE DIA E NOITE
Praça da Independência, 14
— Gonzaga —

CARROS DE ULTIMO TIPO
A maior e mais perfeita organização de automóveis em Santos

CONFEITARIAS

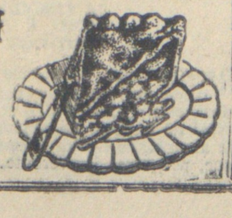
CONFEITARIA YARA

Doces e confeitos
Sorvetes, os mais deliciosos
Especialidade em panetone
Aceitam-se encomendas para casamentos, batizados, etc.
Praça da Independência n. 7
Telefone: 4-1642

BARES FINOS

BAR PALACE

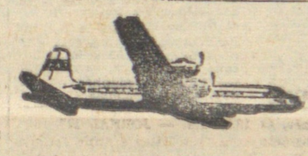
O mais aristocrático do José Menino
Experimente o famoso aperitivo "Palace"
Sorvete e sanduiches diversos
Av. Presidente Wilson n. 143
Tel.: 4-1144 - PALACE HOTEL



A SUA PASSAGEM AÉREA, MARITIMA FERROVIARIA OU RODOVIARIA, ESTA' A' SUA DISPOSIÇÃO NA

"EXPRINTER"

HORÁRIOS



AVIÕES

REAL

SANTOS - RIO DE JANEIRO:
DIAS UTEIS — Partidas — Santos ..... 8,30 — Rio 15,45
DOMINGOS — " — Santos ..... 10,00 — Rio 13,45
Informações: Fones: 2-2081, 2-8811 e 2-5066

VASP

SANTOS - S. PAULO - RIO DE JANEIRO
— Sómente dias úteis —

ESCALAS	IDA De 2.ª a sábado	ESCALAS	VOLTA De 2.ª a sábado
São Paulo ...	10,00	Rio	13,00
Santos	10,20	Santos	14,20
Santos	10,40	Santos	14,40
Rio	12,00	São Paulo ...	15,00

Informações: Fones: 2-2081 e 2-5276

TABA

SANTOS-RIO e PORTO ALEGRE
IDA — Terças e Sextas-feiras
VOLTA — Quartas e Sábados
Escalas em PARATI, IGUAPE, PARANAGUA', SÃO FRANCISCO, ITAJAI, FLORIANÓPOLIS, LAGUNA e ARARANGUA'
Informações: Fones: 2-2081 e 2-2171

TRENS

ESTRADA DE FERRO SANTOS - JUNDIAI

SÃO PAULO a SANTOS				SANTOS a SÃO PAULO			
DOMINGOS		DIAS UTEIS		DOMINGOS		DIAS UTEIS	
Parte	Chega	Parte	Chega	Parte	Chega	Parte	Chega
4,50	7,07	3,50	7,07	5,24	7,51	5,00	7,40
6,00	8,27	7,56	9,39	7,58	10,11	8,05	10,22
6,45	8,56	8,20	10,48	10,35	13,03	9,55	11,40
7,30	9,15	11,20	14,03	13,00	15,26	11,30	14,15
7,56	9,39	14,05	15,47	15,00	16,43	15,45	18,18
8,10	10,24	14,50	17,47	15,55	17,39	17,07	18,55
10,55	13,23	19,10	21,39	16,25	18,55	18,25	20,56
13,35	16,03			17,35	19,40		
15,00	17,23			18,35	20,52		
17,15	18,59			19,30	21,10		
18,12	19,55			19,40	22,04		
19,10	21,39			20,35	22,19		
21,20	22,59			21,00	23,13		

ÔNIBUS

SANTOS a SÃO PAULO

E.B.V.L. — EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. Diariamente, das 5,20 às 23,40 horas, de 8 em 8 minutos. — Informações, pelo fone 2-2299.

U.T.I.L. — UNIÃO TRANSP. INTERMUNIC. LTDA. Sábados e domingos, das 5,25 às 22,40, de 15 em 15 minutos. — Dias úteis, das 5,25 às 22,10, de 30 em 30 minutos. — Informações, pelo fone 2-7220

COMETA — AUTO VIAÇÃO COMETA S. A. Sábados e domingos, das 5,15 às 23,00 horas, de 15 em 15 minutos. — Dias úteis, das 5,30 às 23,00, de 30 em 30 minutos. — Informações pelo fone 2-6777

VAI VIAJAR?

Desfrute das comodidades que EXPRINTER lhe oferece, reservando suas passagens aéreas, marítimas e rodoviárias, para o Brasil e Exterior, aos preços oficiais e sem acréscimos.
Rua 15 de Novembro N. 95
(Bolsa Oficial de Café)
Telefone 2-2081 — Santos

A Capela de Santa Catarina e a Casa do Trem

(CONCLUSAO DA PAG. N. 19)

outros 4.000 da mesma parte e que o informe se basta esta consignação para as ditas obras, sobre o que Vmcê. me dirá tudo o que se lhe oferecer para poder, pelo que respeita a essa Praça, responder a S. Majestade".

Resolve, enfim o conde de Sarzedas descer a Santos para verificar pessoalmente as obras e reparos de que necessitavam as fortalezas. De agosto a princípios de novembro de 1734 levou ele nessa empresa.

E a 15 de dezembro comunicava a D. João V que havia mandado pôr em concorrência em Santos, S. Paulo e Rio as obras da Fortaleza de Santo Amaro e as da Casa do Trem.

Autorizada por Carta Régia de 30 de outubro de 1733, a construção dessa Casa do Trem não tinha ainda sido iniciada em 15 de dezembro de 1734, como se depreende do seguinte trecho da carta do conde de Sarzedas a D. João V:

"Presentemente só mandei fazer o desenho para a cortadura da fortaleza de Santo Amaro, e recintos, e plataformas, e o mais de qué necessita, como se vê do risco que com esta remeto, cuja obra logo mandei pôr em praça, e a dos armazens para o trem e munições da Praça para ver se há delas pessoas que queiram lançar".

A data de 1734, que figura atualmente por cima da porta, do frontispício da Casa do Trem, à rua Tiro Onze, antiga Travessa Visconde do Rio Branco, e outrora Travessa do Trem, não é a da construção do edifício, nem a da Carta Régia que o mandou construir.

A Câmara Municipal, em sessão extraordinária de 25 de fevereiro de 1888, presidida por Felix Bento Viana, tomando conhecimento de um ofício do Presidente da Província, de 13 de janeiro, que enviava para informar um outro do juiz de Direito da comarca no qual aquele magistrado indicava o edifício do Trem para nele serem efetuados os trabalhos das eleições paroquiais, assim deliberou: — "Que se oficie a S. Excia. dizendo que esse próprio Nacional se acha completamente imprestavel, sendo necessários grandes reparos para ser utilizado para qualquer mister".

Pedro Taques, que naturalmente o conheceu como está na tela de Calixto, fez dele este conceito: — é "um nobre e formoso arsenal, vulgarmente chamado casa do trem". (Hist. da Cap. de S. Vicente, 138).

Enfim, esse edifício, há anos sofrivelmente restaurado, ainda é um dos poucos e evocadores reflexos dos tempos coloniais que possuimos.

E' um edifício ilustre. Tem voz. Fala. Reviverá, por isso, figuras e fatos, e atestará o nosso enternecido culto do passado.

CMP 2.1.6.58-2